

## A PRIMEIRA MENSTRUÇÃO COMO ESTÍMULO PARA CRIAÇÃO DA PERFORMANCE RUBRA FLUIDEZ

Camila Matzenauer dos Santos / UFSM  
Gisela Reis Biancalana / UFSM

### RESUMO

O presente artigo apresenta um relato sobre o processo de criação da performance *Rubra Fluidéz*. A obra artística é uma abordagem poética da menarca a partir do relato de várias mulheres, incluindo a artista, sobre a primeira menstruação. Com um viés feminista, a obra busca discutir como questões biológicas, entendidas como marcadoras do tempo no corpo feminino, podem ser lidas e interpretadas culturalmente. *Rubra Fluidéz* faz parte de uma pesquisa inserida em um programa de pós-graduação em Artes Visuais. A obra integra uma série de performances ancoradas em questões relativas ao universo feminino ao explorar a passagem do tempo no corpo da mulher. O estudo é subsidiado por autores como Beauvoir; Ricoeur; Canclini e Taylor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Performance arte; feminino; tempo; corpo; processo criador.

### ABSTRACT

*The present article presents an account about the creative process of Rubra Fluidéz performance. The artistic work is a poetic approach to menarche from the account of several women, including the artist, about the first menstruation. With a feminist bias, the work seeks to discuss how biological issues, understood as time markers in the female body, can be read and interpreted culturally. Rubra Fluidéz is part of a research in a postgraduate program in Visual Arts. The work integrates a series of performances anchored in questions related to the feminine universe, exploring the passage of time in the body of the woman. The study is subsidized by authors such as Beauvoir; Ricoeur; Canclini and Taylor.*

**KEYWORDS:** Performance art; femine; time; body; creative process.

Ao longo deste artigo, relato o processo de criação da performance solo *Rubra Fluidez*. O trabalho artístico faz parte da pesquisa *Cíclicas: O Corpo Feminino em Performance Arte Como Metáfora do Tempo*, a qual propõe explorar a poética da passagem do tempo no corpo da mulher. Essa investigação está inserida em um programa de pós-graduação em Artes com ênfase na área de Arte e Cultura.

Esta é uma pesquisa feita por e sobre mulheres. Nela, estudo o universo feminino vislumbrado sob perspectivas socioculturais. Entre elas e, de modo geral, enfatizo questões referentes às lutas feministas abordando poeticamente aspectos políticos e biológicos que afetam a mulher. Assim sendo, para trabalhar essas temáticas, venho realizando pesquisas de campo com mulheres de diferentes faixas etárias e contextos sociais, a fim de aproximar-me de suas vivências e experiências.

Reconheço que essa investigação parte de inquietações pessoais, as quais me sensibilizam e movem-me. Sou uma mulher, reconheço-me nessas mulheres. Desse modo, meu trabalho desenvolve-se desde uma abordagem autoetnográfica, uma vez que se estabelece no trânsito constante entre a minha vivência e as de outras mulheres. As autoetnografias, segundo Versiani, podem ser compreendidas “como espaços comunicativos e discursivos através dos quais ocorre o ‘encontro de subjetividades’, a interação de subjetividades em diálogo.” (2005, p. 87). Portanto, a partir de uma proposta horizontal, o método valoriza minha experiência, enquanto artista e mulher, no processo criativo e na pesquisa de campo, ao mesmo tempo em que estuda as relações culturais com o meio.

Nesse contexto, o diário de bordo mostra-se a mim como uma forma de organização em meio a minha construção metodológica. Este acompanha-me em diferentes situações do meu dia-a-dia, tornando-se um recurso valioso no processo. O diário é o espaço em que registro minhas idas a campo e meu processo criador em laboratório de criação. Nele, registro ideias, *insights*, dúvidas, frases que ouço, referências, imagens que chamam minha atenção, enfim, aquilo que me toca e, de algum modo, refere-se à pesquisa. Assim, essa ferramenta permite-me visualizar com mais clareza a pesquisa em suas diferentes temporalidades.

Um dos principais eixos do trabalho é o tempo, um conceito que tem suscitado incontáveis teorias e estudos. No decorrer da história, a concepção do tempo tem

sido bastante discutida e reavaliada por diferentes pensadores propondo abordagens dinâmicas, maleáveis, dotadas de simultaneidades e pausas. Por conseguinte, entre as tantas possibilidades e caminhos para abordá-lo, opto por fazê-lo a partir da obra *Tempo e Narrativa*, do filósofo francês Ricoeur (1994). Em sua obra, o autor relaciona o pensamento de Santo Agostinho acerca do tempo e de Aristóteles, acerca da intriga. Nesse contexto, Ricoeur visualiza, no conceito de *mythôs* – compreendido como a formação de uma estrutura de sentido para a construção da narrativa –, uma forma de tornar o tempo apreensível. Assim, o autor entende que é possível apreender o tempo e tornar sua experiência com ele significativa por meio da narrativa. Ou ainda, segundo as palavras do filósofo, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (RICOEUR, 1994, p. 15).

O pensamento de Ricoeur foi significativo para a compreensão do sentido atribuído ao tempo em minha pesquisa. A fim de conduzir minha investigação sobre a passagem do tempo, construí uma linha narrativa com base em três momentos do ciclo do corpo da mulher: a menarca, a gravidez e a menopausa. Logo, propus desenvolver uma performance artística a cada período, respectivamente. *Rubra Fluidez* é a primeira dessa série de performances e aborda questões referentes à menarca.

Evidentemente, a passagem do tempo no corpo envolve questões biológicas e questões culturais. No entanto, falar sobre aspectos biológicos exige cuidado e atenção redobrados, ao considerar que os mesmos podem ser usados para justificar e naturalizar comportamentos machistas e opressores em relação à mulher. Justamente por essas questões, a filósofa Simone de Beauvoir (1980), em seu livro “*O Segundo Sexo*”, considerada uma das pioneiras obras feministas, inicia sua escrita a partir deste viés. Em “*Os Dados da Biologia*”, parte do capítulo intitulado “*O Destino*”, a autora enfatiza como as questões biológicas são usadas para atribuir uma essência própria à mulher, criando identidades fixas que as limitariam a determinados destinos – fisiológico, psicológico, econômico – pré-definidos. Segundo Beauvoir (1980, p. 58), é necessário que aspectos biológicos sejam considerados devido ao fato do corpo ser nosso domínio do mundo. Contudo, ela

recusa o pensamento de que esses dados constituam um destino imutável à mulher. Diante disso, seu pensamento vai ao encontro daquilo que proponho com minha pesquisa. Entretanto, ao longo da história, muitos foram/são os autores que estão na contramão deste modo de pensar.

Neste contexto, instiga-me observar como, muitas vezes, os ciclos que abordo são vistos de forma patológica, como se fossem defeitos, problemas do corpo feminino. Outras características do corpo feminino também contribuem para o reforço de noções que diminuem seu valor, quando se refere ao tamanho, à força muscular, entre outras. A mulher é colocada com frequência como menor, mais fraca e, portanto, mais vulnerável em relação ao sexo masculino. Esses pensamentos intensificam-se pelas muitas noções atribuídas à mulher como, por exemplo, a passividade e a submissão. As noções supracitadas, relacionadas às características biológicas femininas, são entendidas como algo próprio de sua natureza, de seu corpo.

Beauvoir (1980) também destaca aspectos referentes à alteridade, expondo o fato de que, majoritariamente, a mulher é pensada a partir de e em relação ao homem. O corpo feminino é pensado referente ao masculino, o homem como sujeito absoluto, a mulher como o outro, e assim por diante. Afinal, como elaborações socioculturais vão constituindo este ser feminino inserido em um contexto protagonizado pelo universo masculino? Reconhecer esses aspectos biológicos nas formulações do pensamento cultural sobre a mulher têm sido esclarecedor nesta pesquisa. Aqui, transpiro atravessamentos biológicos, socioculturais e artísticos que se fundem em minha poética. A fundamental consideração das repercussões culturais do tempo, instauradas no corpo feminino, advém da proposta investigativa, a qual se insere na linha de pesquisa arte e cultura.

Assim, procurei entender os aspectos biológicos que se tornaram alavancas da manutenção do poder masculino. Ao abordar a menarca e a menopausa, bem como a gravidez, enquanto estados próprios do gênero feminino, interessa-me estudar como essas questões biológicas podem ser lidas, interpretadas e afetadas culturalmente. Neste contexto, trago Scott (1990, p. 13), para conceituar gênero, que segundo seu entendimento seria a

organização social da diferença sexual percebida. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais.

Deste modo, a questão não está em negar que existem diferenças entre os corpos sexuados, mas em pensar como foram sendo construídos significados culturais e, conseqüentemente, relações de poder a partir de e para eles. Neste contexto, o trabalho desenrola-se em um viés feminista, uma vez que, por meio dele, busco ouvir e valorizar as experiências de mulheres baseadas nas referências escolhidas da pesquisa de campo e de mim mesma.

Reconhecer o plano pessoal como político é uma das questões levantadas pelo feminismo, a qual considero mais relevante para abordar em minha pesquisa. Diante desse pensamento, justifico o ato de coletar memórias e experiências de vida, minhas e de outras mulheres. Ao relacionar este denso manancial de vida(s) aos estudos feministas, tenho possibilitado-me visualizar como micro e macro contextos afetam-se mutuamente e como essas experiências reverberam em um âmbito maior.

Considero interessante pensar que o nascimento da expressão artística escolhida para o desenvolvimento deste trabalho coincide justamente com um momento em que as lutas feministas ganhavam espaço. Para mim, é interessante pensar que a Performance – questionadora, irreverente e transgressora – existe aqui como um canal para trazer discussões acerca do feminino. Neste contexto, Taylor (2012, p. 92) recorda que é

necessário aceitar que muitas vezes a performance funciona dentro de um sistema de poder de subjugação em que o corpo é mais um produto. Conquistas, ditaduras, patriarcado, tortura, capitalismo, religiões, globalização (etecetera) criam seus próprios corpos.

Sou artista visual e bailarina. Neste percurso investigativo trago a experiência com a dança ao realizar esta pesquisa em Artes Visuais. Sempre transitei por diferentes linguagens artísticas: artes visuais, dança, teatro, literatura e música. Nesse sentido, o exercício do mestrado possibilita-me a ampliação de horizontes estéticos e de criação por meio da Arte da Performance. Foi justamente seu caráter flexível e transdisciplinar que despertou meu interesse. Portanto, a pesquisa teórica e corporal é aprofundada com base em minhas inquietações, encontrando na Performance Arte

um lugar fértil, para experimentações orientadas, a partir do corpo entendido como instaurador da obra.

De acordo com Taylor (2012), a Arte da Performance, mesmo surgindo a partir de várias práticas artísticas, transcende os limites das mesmas. Deste modo, ela “combina muitos elementos para criar algo inesperado” (TAYLOR, 2012, p. 54). A autora também apresenta o pensamento de Stambaugh, segundo o qual, a Performance seria como uma “esponja mutante” capaz de absorver ideias e metodologias de várias disciplinas para, então, propor outras formas de conceituar o mundo (TAYLOR, 2012, p. 54). A diluição de fronteiras, seja entre saberes, seja entre as artes, seja entre artista e público, instiga-me a colocar a Arte da Performance como caminho para seguir com esta poética. Desta forma, sinto-me instigada a explorar o potencial criador dessas zonas de intersecção, dentro do campo artístico e acadêmico, ressaltando o diálogo entre as artes, característico desta manifestação artística. Com isso, compreendo as Performances que crio como um modo de dar corpo aos questionamentos da pesquisa, desenvolvendo poéticas a partir das quais emergem algumas das questões culturais que proponho.

Em *Rubra Fluidez* abordo a menarca com base no relato de várias mulheres sobre sua primeira menstruação. As questões que me movem a criar essa Performance nasceram fundamentadas em uma criação poética, anterior ao meu ingresso no mestrado, durante uma residência artística, em 2015. A metodologia proposta nessa residência consistia em trabalhar o movimento, a partir de proposições baseadas nas inquietações pessoais de cada performer, funcionando como um estímulo, a fim de que esses respondessem através de suas criações. A célula de movimento, criada ali, originou-se a partir da palavra *metamorphosis*. Quando iniciei este processo, meus movimentos e memórias remetiam à minha menarca; à importância que é dada a este momento de transição; às mudanças pelas quais o corpo da mulher passa durante este período e ao simbolismo da transição da infância para a fase adulta como, por exemplo, a ideia de “virar mocinha” com um corpo que já é capaz de gerar outra vida.

Explorar essa temática fez-me lembrar da série de recomendações que recebi, concomitante à minha primeira menstruação, como: o resguardo do corpo, privações e o cuidado maior em relação ao olhar dos homens. Em uma sociedade patriarcal,

na qual, de modo geral, homens não são educados a respeitar mulheres, torna-se necessário que mulheres sejam ensinadas a proteger-se deles. Todas as mudanças e conselhos assustaram-me, e, conseqüentemente, conscientizaram-me das estruturas de uma sociedade machista. Para além disso, havia também a lembrança de sentir vergonha deste corpo, o qual sangrava e começava a salientar suas características sexuais. Entendo, ao abordar este tema, que não mostro algo novo, no entanto, sinto necessidade de falar sobre ele em uma poética própria.

Diante deste trabalho, pude evidenciar o quanto a menarca foi algo marcante para mim, o que fez com que eu me questionasse como outras mulheres sentiam-se a respeito de sua primeira menstruação. Como coloco inicialmente no texto, a pesquisa de campo foi o caminho que encontrei para estar próxima de mais mulheres valorizando a dimensão sociocultural dos acontecimentos estudados. Deste modo, trago elementos etnográficos, ao propor a pesquisa de campo. Porém, direciono-me à autoetnografia, ao focar como a minha experiência insere-se na pesquisa, tanto em seu fazer artístico, quanto na relação estabelecida com as mulheres durante o levantamento de dados.

Assim sendo, para recolher estas histórias, optei por distribuir, em banheiros da cidade de Santa Maria, papéis e lápis juntamente com um cartaz com os dizeres: “você lembra de sua primeira menstruação? Poderia escrever sobre?”. A princípio, a proposta era guardar todos os papéis, como uma forma de aproximar-me dessas mulheres pela materialidade de suas escritas. Inicialmente, deixei uma caixa em um dos banheiros femininos do Centro de Artes e Letras (CAL), espaço que frequento cotidianamente. Em pouco tempo, obtive o retorno de vários relatos e comecei a guardá-los como preciosidades, pequenos pedaços da história de outras mulheres.

Para abordar outro público que não somente o universitário, decidi deixar outra caixa em um bar central da cidade que, assim como no CAL, em pouco tempo havia reunido vários escritos. Contudo, a proposta tomou uma proporção muito maior do que o esperado, mesmo que seguisse distribuindo o material por outros espaços além destes. Em menos de uma semana, uma foto do cartaz foi postada em um grupo com temática Lésbica, Gay, Bissexual e Transexual no *Facebook* e, em pouco tempo, a postagem já possuía mais de mil comentários com mulheres contando sobre sua primeira menstruação. Também foi surpreendente a quantidade de

mulheres que, por saber da minha pesquisa, vieram até mim para conversar sobre a experiência de suas menarcas, ou então indicavam-me leituras e outros materiais acerca desse tema.



Figura 1: Print do cartaz publicado no Facebook

A partir do momento em que decido trazer outras mulheres para minha pesquisa, permito que elas a transformem, ao mostrarem outros caminhos e possibilidades, as quais, muito provavelmente, eu não percorreria. Deste modo, as ideias iniciais modificaram-se e, conseqüentemente, optei por não mais usar a materialidade dos papéis com as escritas, mas gravá-las em áudio. Com isso, selecionei quais áudios seriam gravados, priorizando alguns em detrimento de outros, devido à quantidade.

Neste contexto, o meio virtual mostrou-se como uma forma de potencializar a pesquisa. Dessa vez, recorri à Internet, fazendo uma postagem no Facebook buscando mulheres dispostas a gravarem alguns áudios. Em pouco tempo, várias delas entraram em contato comigo, a fim de colaborar. Foi muito bonito, pois além de amigas e colegas, contei com o apoio de mulheres que não me conheciam, mas, de algum modo, sentiram-se tocadas por este trabalho.

Nessa etapa da criação, passei a organizar o material separando os arquivos de áudio em pastas com assuntos em comum. Entre as classificações estavam culpa; vergonha; esperava muito pela menstruação; não queria menstruar; indiferença, entre outras. Depois das categorias criadas, selecionei alguns áudios, os quais



considerarei mais interessantes, para destacá-los em relação a outras falas. Considerei também que trazer o meu relato da menarca era muito importante, afinal, foi a partir da minha experiência que surgiu o desejo de criar a performance. Assim, colocando-me como uma mulher que também já passou por esse momento, gravei o relato da minha primeira menstruação. É com ele que o áudio inicia.

No que se refere à visualidade de *Rubra Fluidéz*, depois de reunir todos estes relatos, decidi criar uma tenda que remetesse às tendas da lua, referência ao espaço em que, em algumas tribos norte-americanas, as mulheres reuniam-se durante seu período menstrual, valorizando seu sangue como sagrado e trocando saberes entre si (SAMS, 1993 apud GEIGER, 2014, p.74). Como figurino, escolhi um vestido vermelho, assim como a tenda. Um vestido longo, o suficiente para cobrir todo o chão da tenda, como se eu fosse parte dela, como um rio de sangue. Em meio a um fluxo de memórias e vivências, é como se meu corpo emergisse dos tecidos.



Figura 2: Performance *Rubra Fluidéz* (2018)  
Foto: Bianca Segato



Figura 3: Performance *Rubra Fluidez* (2018)  
Foto: Bianca Segato



Figura 4: Performance *Rubra Fluidez* no Seminário Arte, Gênero e Identidades – Universidade Federal de Santa Maria. 13 de abril de 2018. Foto: Sérgio Fialho.



Figura 5: Performance *Rubra Fluidéz* no Seminário Arte, Gênero e Identidades – Universidade Federal de Santa Maria. 13 de abril de 2018. Foto: Sérgio Fialho.

Minha ação consiste em mover-me a partir das histórias contadas que se misturam preenchendo o espaço vermelho-quente-útero. A performance começa comigo sentada dentro da tenda. Inicio contando sobre minha primeira menstruação, simultaneamente ao áudio que gravei. Quando minha fala vai chegando ao fim, ela começa a se somar às outras vozes femininas, as quais se misturam entre si, suscitando e estimulando minha movimentação corporal. A dinâmica altera-se oscilando entre um número maior ou menor de relatos. Ora as histórias estão mais inteligíveis, ora menos. No final, o áudio decresce em ritmo e volume até que acabe. Nesse momento, saio de dentro da tenda. Pouso minha mão sobre a púbis e lentamente recolho o vestido entre as pernas, como se fosse guardá-las em minhas entranhas e estas, por sua vez, abrigassem todas essas memórias compartilhadas. Lentamente, caminho até que o público não mais possa ver-me. Até o momento, a performance foi apresentada em dois eventos: na comemoração dos 30 anos do Teatro Caixa Preta e no Seminário Arte, Gênero e Identidades, ambos ocorridos em abril de 2018 na Universidade Federal de Santa Maria.

Diante da dimensão que tomou a proposta dos relatos, muito maior do que imaginava, pude confirmar aquilo que já vinha percebendo há tempos: as mulheres

precisam falar e fazer-se ouvir. Assim como havia relatos falando com naturalidade e até mesmo celebrando a menstruação, outros falavam sobre culpa, vergonha, nojo de si. Por que a menstruação pode gerar este turbilhão de sentimentos e muitas mulheres olham para este fenômeno de sua própria natureza de forma negativa? Algumas delas escreveram que estavam falando pela primeira vez sobre isso. Em que momento elas passaram a ter nojo, medo ou vergonha de seus corpos? A menstruação ainda é um tabu e, por meio da criação deste trabalho e de minhas próprias vivências como mulher, pude enxergar quanto ainda é necessário ou deseja-se falar sobre esse assunto.

Deste modo, retomando o processo de criação da Performance, instiga-me o modo como a pesquisa difundiu-se por meio da Internet. A proposta fugiu de minha delimitação inicial, alterando a primeira ideia do trabalho. Isso permitiu que eu tivesse acesso a um número de relatos acima do esperado. Através da difusão da imagem do cartaz nas redes sociais, estabeleceu-se outra relação com a pesquisa, ou pode-se dizer que o campo da pesquisa foi ampliado quantitativamente com efeitos na qualidade do trabalho. No início, interessava-me reunir relatos em diferentes localidades da cidade de Santa Maria (RS), fazendo um recorte local do tema abordado. No entanto, pela velocidade e amplitude que a questão ganhou nos meios digitais, muito mais mulheres puderam contar-me sobre suas experiências. Ao invés de suas letras no papel em anonimato, agora eu possuía acesso ao perfil de várias mulheres que mostravam nome e rosto na rede. Esse acontecimento inesperado mostrou-se como um suporte para mim, pois, se houve repercussão, é porque esta é uma questão pulsante. Através do estímulo daquele cartaz, foi possível a criação de outros espaços de fala para mulheres.

No momento atual da pesquisa, proponho-me a discutir essa experiência em performance e analisar subjetivamente essas falas. Para tal, pauto os conceitos de *habitus*, tradição e ideologia. Considero que esses termos contribuem na reflexão das questões que abordo, reconhecendo que os mesmos podem ser usados, para naturalizar determinados comportamentos. Ao escrever sobre tradições, por exemplo, Coelho (2008, p. 24) exprime que elas

apresentam-se sempre como uma estratégia do poder (político, religioso, cultural) para manter-se e justificar-se ao inculcar valores

que supostamente se repetem (que são valores porque se repetem e que se repetem porque são valores) e que alegadamente estabelecem uma continuidade com o passado (imaginado, mais que imaginário) que, por algum motivo, interessa a esse poder.

Essa perspectiva é muito presente na fala das mulheres, permitindo com que se vislumbre como estes valores e modos de pensar perpetuaram-se. Neste contexto, ainda é pertinente trazer os apontamentos de Storey (2002) sobre ideologia. Segundo ele, as ideologias apresentam verdades parciais como verdades inteiras. O autor também cita Barthes, que contribui com esse pensamento, visto que entende a ideologia como uma tentativa de tornar universal e legítimo algo que, de fato, é parcial e particular. Essa seria uma tentativa de fazer algo cultural ser aceito como natural, assemelhando-se, assim, com a ideia de *habitus*.

Desenvolvido por Pierre Bourdieu, o conceito de *habitus* enquadra-se em um pensamento estruturalista e, segundo Coelho, “seria responsável por naturalizar características de determinados grupos, fazendo com que seus comportamentos sejam apresentados como próprios, inelutáveis” (COELHO, 2008, p. 27). Canclini (2005) coloca que através desse conceito, Bourdieu propõe compreender a interação entre os métodos estruturantes com que a sociedade configura seus sujeitos através das respostas destes e da internalização de práticas sociais pelos mesmos. Deste modo, esses processos forneceriam “bases plausíveis para imaginar parcialmente comportamentos, desempenhos dos sujeitos em processos de conservação e mudança” (CANCLINI, 2005, p. 159).

A ideia de ser ou tornar-se mulher desde a primeira menstruação. Meninas, as quais ouviam que, a partir de agora, deveriam cuidar-se para não engravidar, mas tampouco sabiam como isso acontecia. O sexo, muitas vezes, colocado como algo agressivo, ruim, problemático. A cobrança que algumas meninas sentiam por terem menstruado mais tarde do que outras, além do medo de crescer e da crença de deixar de ser criança ao menstruar, sentidos por outras. Essas foram falas recorrentes na pesquisa de campo e encontram-se atravessadas pelos conceitos supracitados. Destaco que esta é uma pesquisa em Artes, portanto, o que proponho não é uma análise de dados antropológica, mas subjetiva, autoetnográfica. Olhar para essas falas faz com que me aproprie deste trabalho e tenha mais subsídios para expansão e aprofundamento da pesquisa.

O trabalho, de fato, precisa da voz de outras mulheres ecoando em mim, para que passe a existir. Apesar de ser uma performance solo, o apoio feminino foi primordial durante toda a criação de *Rubra Fluidéz*, desde a escrita dos relatos até a gravação dos mesmos e, posteriormente, no registro do trabalho. Eu também sou mulher, o meu corpo também envelhece. O que há em comum entre mim e as mulheres que participam de minha pesquisa? O que nos difere e singulariza? A imagem do meu corpo, entendido como corpo-arte em Performance, pode comunicar, expressar e transbordar determinados discursos ou realidades. Deste modo, visualizo esta pesquisa, como uma forma de lutar por aquilo que acredito, enquanto artista, estudante e mulher, abordando o feminino poética e politicamente. Assim, ergo uma bandeira feminista, pois entendo que, quando me proponho a discutir artisticamente aspectos culturais, os quais afetam as mulheres inseridas em um sistema patriarcal, coloco-as como protagonistas da (s) história (s).

A performance demonstrou o amadurecimento de minha pesquisa ao evidenciar algumas questões muito pulsantes na Arte Contemporânea. Em *Rubra Fluidéz*, compreendi o processo criador sendo tão importante, quanto a Performance em si. A pesquisa de campo, as interferências, as gravações, os ensaios e, finalmente, a apresentação ao público: cada uma dessas etapas mostraram-se equivalentemente importantes e valiosas. Não consigo enxergar essa performance dividida em antes e depois, mas como uma obra em constante processo. Neste contexto, acredito que este trabalho vai ao encontro do pensamento de Cattani (p. 47, 2002) no qual a autora compreende que as obras de arte devem estar presentificadas na pesquisa, ao invés de serem usadas apenas como ilustração de teorias.

*Rubra Fluidéz* é o início de um processo que se estenderá até a criação de outras duas performances que abordarão, respectivamente, a gravidez e a menopausa. Diferente da menarca, os momentos supracitados referem-se a períodos pelos quais não passei. Contudo, há ainda outra diferença, a menopausa é um momento que vivenciarei, caso chegue até determinada idade, enquanto em relação à gravidez já não existe essa certeza. Por mais que eu seja mulher, meu corpo desenvolva-se para tal e expectativas recaiam sobre mim, criar sobre algo que não vivenciei exigirme-á trabalhar de outra forma, uma vez que não posso partir das minhas memórias. É por isso que busco ouvir a voz de mulheres, as quais passaram ou estão

passando por esses períodos. Quero ouvir o que elas têm a me dizer porque isso é precioso para mim, é potente. Assim, também busco continuar esta pesquisa levando minhas criações para além dos muros da universidade. Reconhecer o corpo feminino e seus ciclos, como uma metáfora do tempo e um espelho cultural, é também construir um espaço de resistência e horizontalidade para e com mulheres através da arte da performance.

### Referências

- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo sexo – fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- CANCLINI, Néstor García. Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- CATTANI, Icleia Borsa. Arte Contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. O meio como ponto zero: Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 35 – 50.
- COELHO, Teixeira. A cultura e seu contrário: Cultura, arte e política pós 2011. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- RICOUER, Paul. Tempo e Narrativa. vol I. Campinas: Papyrus, 1994.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. de 1990.
- TAYLOR, Diana, Performance. Buenos Aires: Asunto Impreso Ediciones, 2012.
- VERSIANI, D. G. C. B. Autoetnografias: conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: Letras, 2005, p. 87.

### Camila Matzenauer dos Santos

Graduada em Dança Bacharelado pela UFSM e mestranda na Pós-Graduação em Artes Visuais na mesma universidade. Atualmente integra o grupo de pesquisa Performances: arte e cultura e atua como bailarina, coreógrafa e diretora na Umbigo de Bruxa.

### Gisela Biancala Reis

Professora no Curso de Dança Bacharelado/UFSM, atua no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGART/UFSM) e também é líder do grupo de pesquisas Performances: arte e cultura, vinculado ao CNPQ. Realizou pós-doutorado na Universidade de Montfort, cidade de Leicester, Inglaterra onde investigou processos criadores em conjunto.